

# Diversão & Arte

Fotos: Biónica Filmes



A diretora Lais Bodanzky realiza seu primeiro filme com registro histórico

» RICARDO DAEHN

Foi pelo que chama de observação em buraco da fechadura, que a premiada diretora Lais Bodanzky apresentou imagens de manômetro (em *Bicho de sete cabeças*) e de salão de baile (*Chega de saudade*) que, para muitos, acusavam autenticidade extrema. Agora, conduzindo o longa *A viagem de Pedro* (atrelado à figura de D. Pedro I), Lais abraçou a provocação de contestar registros históricos lastreados em narradores detentores de poder político e econômico. “A história oficial é muito parcial. Para o filme, não inventamos coisas do zero. Não foi tudo um grande delírio. No registro do filme, D. Pedro estava cercado de serviçais, e não de escravos”, demarca a diretora.

Na condição de ex-imperador, muito longe da unanimidade no Brasil, e anos depois de proclamar a independência do país, numa fragata inglesa, Pedro se vê na condição de traidor em Portugal, pela paleta encampada em *A viagem de Pedro*, que tem por cenário o Oceano Atlântico de 1831. Observar o bicentenário da independência não como data a ser festejada, mas como vetor de reflexão foi a proposta da diretora. “Nas pesquisas, a viagem, em si, no barco, não tem documento histórico nenhum. O próprio diário de Dom Pedro se encontra trançado

no Museu Imperial”, conta Lais Bodanzky. Na observada “salada cultural do Brasil da época”, a Inglaterra destilava interesses econômicos em questões do abolicionismo e a França servia de moldes aos protocolos de palácio da corte. “Complementar o roteiro com literatura (de revisão) atual é muito importante”, defende Lais, que conta ter recorrido a registros de escritoras de publicações como *Achados e perdidos da História*. A injeção de teor feminista no longa *Como nossos pais* (2017) ajudou o ator central, Cauã Reymond, a acionar a diretora para o novo projeto. “Foi interessante trazer camadas de desconstrução do personagem, sob reflexões, por exemplo, de um racismo estrutural. Nos personagens de ficção, há mais liberdade para se imaginar. Na criação de projeto do filme, colocamos as mãos em todos os livros que conseguimos, e Dom Pedro sempre era retratado de formas distintas e contraditórias”, enfatiza o também produtor Cauã Reymond.

Tendo o roteiro de Bodanzky como guia, Reymond enfatiza ter gostado do cerco à época em que o imperador foi expulso do Brasil. “Ele estava completamente frágil: trouxemos elementos como a epilepsia, a sífilis, a decorrente impotência sexual e as alucinações carregadas no percurso de uma viagem. Com evidências de sociedade patriarcal, machista e opressora de gênero e de raça, o filme traz até brecha para o empoderamento feminista, no papel de Isabél Zuua, a Dira da trama. “Ela conduz Dom Pedro ao prazer novamente, por meio da aula que dá de como agradar a uma mulher de forma diferenciada”, observa o ator. Tudo, no filme, destoa de um período em que o menino Cauã, ainda na terceira série primária e sem saber que seria ator, deu vida a um Dom Pedro “muito heroico e macho”.

Processos criati-

Controversa, a **figura de Pedro I** é revisada pelas lentes da diretora Lais Bodanzky, no longa ***A viagem de Pedro***, que estreia hoje e contempla o machismo e a releitura das condições dos africanos no Brasil de 1831

vos e artísticos, explicitados por Isabél Zuua, convocaram a subversão da “linguagem de convenção” que, na maioria das vezes, destaca um imagético opressor. “A gente não caiu de uma árvore; temos história de vida”, celebra Dirce Thomas (intérprete de Benê), que convoca diretores a abraçarem olhares étnicos e antirracistas. “A época do filme era um período em que o chicote estalava. Nós (negros) não pedimos para vir (para o Brasil). Nós não viemos como emigrantes”, pondera. Numa fala consciente, Dirce pediu para não haver chicote em cena. “Trabalho com a questão de o negro levantar a cabeça. Venho do CPT (Centro de Pesquisa Teatral) do Antunes Filho, e, com a Lais, que tem valores empoderados, ativos e que tragam dignidade”, explica Dirce Thomas.

Vivências transcorridas, mas não narradas pela história, e que circundaram Dom Pedro, chamaram a atenção de Lais Bodanzky, que, no filme, expõe a convivência do amontoado de origens, línguas e religiões. “Era um Brasil em que a maior parte da população (também) era preta”, destaca a diretora. Uma realidade de vida permeou a atuação de Denangowe Calvin, o Tigre da trama. “Funcionou como autoterapia, me ajudou como ator e pessoa. Tive dificuldades de separar atuação das emoções reais que eu mesmo vivia”, ponta o ator congolês.

Numa licença poética, o filme coloca D. Pedro integrado a crenças do candomblé. “Ele não gostava dos protocolos, era informal. Nos livros, ele é descrito como alguém que gostava de ficar na cozinha, de conversar com os serviçais, de andar de pijama e descalço. Ele tinha uma proximidade, com certeza, ao menos nos relatos de pessoas pretas”, demarca

Bodanzky. A vertente de apoio religioso fora da Igreja católica, que já não reconhecia Dom Pedro, traz matiz interessante ao

longa *A viagem de Pedro*. “Por todas as características dele, D. Pedro faria essa entrega (de crença) do filme. Acho educativo para o Brasil de hoje incorporar isso. Para o Brasil que não respeita que nosso país seja laico é também uma cena política (a crença de Pedro na religião africana)”, comenta a diretora.

A “ideia absurda” de trazer o coração de D. Pedro ao Brasil de 2022 desemboca, na visão da diretora, em “uma apropriação da história de forma ufanista, e tem que ser questionada”. No filme, Luise Heyer interpreta Leopoldina; Domitila de Castro ganha interpretação de Rita Wainer e Victória Guerra dá vida a Amélia, a segunda esposa de Pedro. “Ela (Amélia) lutou para mostrar que era culta e inteligente e que teria força para cuidar dos filhos e do imperador, mesmo com a evidente masculinidade tóxica dele”, observa Victória Guerra. Em apêndice à viagem pelo Atlântico (durante dois meses), em que “visitou seus demônios”, pelo que avalia a diretora, Pedro confrontará o irmão mais novo, Miguel (Isac Graça), prestigiado na corrida pelo trono de Portugal. “O filme tem as proporções quase punk de quem ama. É uma obra que abala as estruturas do conservadorismo. Para mim, que venho de família com utopia democrática, regada a valores de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de comunidade, no papel, tive que deixar de lado a visão ética. Busquei inspiração na “gente nojenta” de extrema direita”, conclui.

Cauã Reymond em *A viagem de Pedro*: saga dramática e reveladora

## O IMPERADOR

# REVISITADO

» ANDRÉS RUIZ\*

### MARTE UM, DE GABRIEL MARTINS

Com direção e roteiro de Gabriel Martins, *Marte um* é um dos seis longas pré-selecionados para concorrer à produção que representará o Brasil no Oscar 2023. O filme se aprofunda nos dramas pessoais da família Martins, que vive às margens de uma grande cidade brasileira. Como uma família negra de classe média baixa, eles passam a sentir a tensão de viver uma nova e dura realidade, após a posse de um presidente extremista no país. O filho mais novo, Deivinho, sofre a pressão paterna de se tornar um jogador de futebol, muito embora sonhe se tornar um astrofísico. A irmã, Eunice, se apaixona por outra jovem e questiona a liberdade que tem dentro de casa. E a mãe, Tércia, passa por um encontro inesperado e cogita ser amaldiçoada.

### UM LUGAR BEM LONGE DAQUI, DE OLIVIA NEWMAN

Kya é uma jovem criada sozinha no Brejo da Carolina do Norte (EUA). Por anos, ela sofreu com o título de “garota do brejo”, que dá nome a um rumor assombroso que circula pela

cidade. Ao ser atraída por dois garotos da cidade, Kya abre as portas para uma diferente realidade, mas, quando um deles é encontrado morto, a jovem é considerada a principal suspeita. A partir disso, a narrativa procura se desdobrar no caso do assassinato, enquanto uma turbulenta verdade com muitos segredos se aproxima.

### ERA UMA VEZ UM GÊNIO, DE GEORGE MILLER

A trama acompanha a personagem Swinton (Tilda Swinton), uma solitária acadêmica que encontra uma lâmpada mágica na natureza. Ao abri-la, ela liberta um gênio (Idris Elba) preso há 3 mil anos e pode ter três desejos concedidos. No entanto, Swinton sabe a mística por trás das histórias de gênio e opta por não fazer nenhum, o que leva o personagem de Elba a adentrar em uma viagem milenar com contos inesquecíveis. Após compreender a história do ser místico, ela abre o coração para ele e ambos passam a compartilhar o que mais precisam.

### MARIA — NINGUÉM SABE QUEM SOU EU, DE CARLOS JARDIM

Esse documentário de Carlos Jardim

traz relatos e depoimentos inéditos da cantora Maria Bethânia, que completou 55 anos de carreira em 2020. Gravado no teatro do Hotel Copacabana Palace, ele também traz a participação da atriz Fernanda Montenegro, que narra textos marcantes sobre Bethânia e sua carreira musical. Além dos textos, são trazidas imagens ilustradas de fãs, arquivos conservados e registros wranos de shows e ensaios da cantora.

### PREDESTINADO, DE GUSTAVO FERNÁNDEZ

Dirigido por Gustavo Fernández e estrelado por Danton Mello, *Predestinado* é uma produção nacional que acompanha a vida de Zé Arigó (Dalton). De vida simples, ele morava com a mulher Arlete (Juliana Paes), em Congonhas, e sofria preconceitos pela religião que seguia, o espiritismo. Ainda assim, conseguiu se tornar um símbolo de esperança por salvar diversas vidas a partir de uma cirurgia espiritual.

### ENTRE ROSAS, DE PIERRE PINAUD

De origem francesa, a comédia acompanha a vida de Eve Vernet

(Catherine Frot), uma grande produtora de rosas. Após beirar a falência, Eve tem seu negócio comprometido e adota uma estratégia não convencional para salvar a empresa. Com ajuda da secretária, Vera (Olivia Côte), ela contrata pessoas não especializadas em jardinagem para gerir o plantio. Com isso, tudo parece se desestabilizar na vida da produtora.

### SEGREDOS DE PUTUMAYO, DE AURÉLIO MICHILES (DIA 3/9)

Documentário brasileiro, *Segredos de putumayo* narra as investigações do então Cônsul Britânico no Brasil, o ativista irlandês Roger Casement. São abordados os diferentes crimes cometidos pela empresa Peruvian Amazon Company contra diversas comunidades indígenas na floresta amazônica. A partir do diário do Cônsul, o documentário relata as milhares de torturas e assassinatos realizados na região.

### AMIRA, DE MOHAMED DIAB (DIA 3/9)

O filme árabe retrata a vida da palestina Amira, de 17 anos, concebida com o esperma traficado do

presidiário Nawar. Desde então, a garota realiza visitas ao pai na cadeia e, mesmo preso, ele passa a figura de herói. Todavia, quando a tentativa de conceber outra criança revela a infertilidade do pai, Amira tem a vida virada do avesso. Apesar das adversidades, a jovem é compensada com o amor e o carinho de pessoas próximas a ela.

### O QUE GUARDO DE VOCÊ, DE ANDRÉ LUIZ (DIA 3/9)

(Estreia às 19h, com entrada gratuita, no espaço Caracas Vê, em Taguatinga - St. L Norte EQNL 2/4 Bl B) O curta, produção independente dirigida e escrita pelo roteirista brasileiro André Luiz, traz um questionamento sobre o luto. A trama conta a história de um rapaz (Lury Persan) que, após uma grande perda familiar, precisa lidar com novos medos e passa a não ver mais sentido na vida. Também em cena, aparece a mulher (Gabriela Rabelo), que compartilha com o rapaz os silêncios e as tensões da narrativa. O curta possui 20 minutos de duração e foi filmado em Ceilândia, Brasília.

\*Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco

### » O AUTO DA BOA MENTIRA

#### HOJE, ÀS 19H, NO CINE BRASÍLIA

O Cine Brasília faz hoje uma sessão gratuita de *O auto da boa mentira*, filme de José Eduardo Belmonte inspirado no clássico de Ariano Suassuna. O longa estreou nos cinemas em maio de 2021 e tem no elenco Leandro Hassum, Rocco Pitanga, Nanda Costa e Cássia Kis. Na releitura de Belmonte, quatro histórias têm como ponto central a mentira. Em uma delas, subgerente de recursos humanos é confundido com uma celebridade. Em outra, a narrativa gira em torno do preconceito e uma terceira traz um estrangeiro que mente sobre um assalto para evitar uma festa. Na quarta história, o universo circense é o ponto de partida.